

Uma Hora não é Uma Hora na Cidade dos Catadores¹

An Hour is not An Hour in the Town of the Ragman

Una Hora no es Una Hora en la Ciudad de los Traperos

Rosangela D'Ávila

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

Elizabeth Maria Andrade Aragão

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil.

Gilead Marchezi Tavares

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil.

Resumo

O presente artigo é parte de pesquisa de mestrado realizada no período de 2009 e 2010 que teve o propósito de problematizar a emergência de modos singulares de viver as/nas cidades. Entendemos as cidades contemporâneas como dispositivos que engendram processos de subjetivação e, nesse sentido, interrogamos os liames do tempo que envolvem os catadores de recicláveis e a cidade de Vitória (ES). As reflexões baseiam-se em andanças pela cidade de Vitória em companhia de sete catadores de recicláveis, personagens infames da cidade. Eles compartilharam conosco pequenos fragmentos de vida, narrativas que foram devidamente registradas em Diário de Campo. Concluimos que, apesar da aceleração capitalística desenhar mapas nas cidades contemporâneas, criando formas hegemônicas de vida e necessidades, a cidade, assim como o tempo, é passível de múltiplas experimentações.

Palavras-chave: Catadores de Recicláveis; Modo de Vida Urbano; Experiência do Tempo.

Abstract

This article is part of masters research carried out in the period of 2009 and 2010 that had the purpose to discuss the emergence of unique modes of live in the cities. We understand the contemporary cities as devices that engender processes of subjectivation and, accordingly, we interviewed the links of time involving the recyclables materials collectors and the city of Vitória (ES). The reflections are based on wanderings around town in the company of seven rag pickers, infamous characters of the city. They shared with us small fragments of life, narratives that were properly recorded in field diary. We conclude that, despite the capitalistic ac-

celeration to draw maps in contemporary cities, creating hegemonic forms of life and needs, the city, as well as the time, is capable of multiple trials.

Keywords: Recyclables Materials Collectors; Urban Way of Life; Time Experience.

Resumen

Este artículo es parte de la investigación de maestría realizada en el período de 2009 y 2010, que tenía el propósito de discutir la aparición de únicos modos de vivir en las ciudades. Entendemos las ciudades contemporáneas como dispositivos que generan los procesos de subjetivación y, por consiguiente, cuestionamos las conexiones del tiempo que implican los recolectores de materiales reciclables y la ciudad de Vitória (ES). Las reflexiones se basan en paseos por la ciudad de Vitória en compañía de siete recolectores de residuos, personajes infames de la ciudad. Ellos comparan con nosotros pequeños fragmentos de vida, narraciones que fueron registradas correctamente en diario de campo. Concluimos que, a pesar de la aceleración capitalística para producir mapas en las ciudades contemporáneas, creando formas hegemónicas de vida y necesidades, la ciudad, así como el tiempo, es capaz de múltiples ensayos.

Palabras Clave: Recolectores de Materiales Reciclables; Modos de Vida Urbana; Experiencia del Tiempo.

Introdução

*Pela cidade vou, não fico parado,
coração aberto/corpo fechado
(Pedro Luís e A Parede).*

Vitória, capital do Espírito Santo, é uma cidade centenária que se abriga nas curvas suaves das montanhas e na cavidade de seu canal marítimo. Suas paisagens exibem a memória arquitetônica de mais de 400 anos de história, com igrejas e palácios jesuíticos dos tempos coloniais, construções barrocas do início do século XX e

edificações verticalizadas do contemporâneo.

Mesmo em sua condição de ilha portuária desde as capitâncias hereditárias, a cidade se manteve pequena e pouco povoada até os anos de 1960, quando teve início um processo acelerado de urbanização que perdurou por mais de quatro décadas. Sob a ação desse extenso fluxo urbano, a dinâmica populacional de Vitória acabou por transbordar aos seus contornos insulares originais e enlaçar o continente, produzindo um aglomerado de cerca de 1.200 habi-

tantes, no espaço geográfico de cinco municípios.

Atualmente, outra onda de expansão toma conta da cidade, pressionada pelo processo de desterritorialização e reterritorialização do capital financeiro combinado ao crescimento da extração petrolífera em suas águas oceânicas. As modulações operatórias desses fluxos capitalísticos financeiros- industriais produzem uma teia de causalidades que se alastra em formas híbridas de dominação política e subjetiva (Neves, 2004). Nesse processo, as fronteiras tradicionais entre espaços públicos e privados da cidade se desfazem, cedendo lugar à expansão do espaço-consumo, característico de uma biopolítica tecnocientífica-empresarial².

Uma nova Vitória emerge por entre os fluxos dessas forças biopolíticas. Forças estas que, em seus efeitos sobre os corpos-cidade, inauguram contornos singulares nos processos de subjetivação modulados no contemporâneo. Assim, a cidade, com suas imagens espessas de sentido, com seus transeuntes apressados, com as possibilidades de encontros e desencontros que produz, traz consigo a capacidade de constituir novos modos de existência, os quais, em muitos momentos, se desviam dos nós biopolíticos produzindo a diferença (Neves, 2004).

Uma profusão de imagens marca as

transformações por que passa a cidade nessa nova onda de expansão. Dentre elas, uma se destaca: a onipresença dos tapumes adornados por fitas amarelas que anunciam as inúmeras intervenções urbanas, promovidas pela municipalidade. São intervenções que derrubam casas, que retificam ruas, que rasgam e disciplinam a geografia, em sua fome de implantar a cidade dos fluxos, na qual os corpos possam trafegar de forma mais fácil e veloz.

Para que essa cidade-circulação se faça, tudo o que impede ou retarda os fluxos de mobilidade e velocidade precisa ser esconjurado, para dar passagem à aceleração que marca seu cotidiano. Nesse sentido, até mesmo uma interpretação disparatada para o direito de ir-e-vir vem ganhando evidência, conectada à idéia da velocidade infinita, de achatamento do espaço-tempo, de constituição de uma cidade moderna e organizada, o que, nessa lógica excludente, anularia o direito à permanência nas calçadas e praças, à ocupação dos lugares públicos e à fruição pausada dos espaços da cidade.

Os catadores de recicláveis de Vitória habitam esse espaço em mutação e, de forma recíproca, transformam a cidade e se deixam transformar por ela. Eles fazem parte de um contingente formidável de trabalhadores que colocam o Brasil no topo dos países que mais aproveitam seus mate-

riais recicláveis. Apesar disso, são desprezados, invisibilizados e, por vezes, até hostilizados pelos demais habitantes da cidade³.

Presentes em qualquer metrópole brasileira, os catadores são atraídos pela possibilidade de sobrevivência a partir daquilo que a cidade despreza e joga fora como lixo. Seus passos zigue-zagueantes detêm-se a todo instante para recolher os restos que se acumulam pelos cantos, em movimentos conduzidos não apenas pela necessidade de sobrevivência, mas também pelo desejo de não deixar esses restos se perderem. Desenham assim um território subjetivo, sinalizado por traços que se desmancham e se deslocam com o trajeto, onde separam, recolhem e reúnem, como um “avarento com seu tesouro” (Baudelaire, 1985, p. 78), tudo aquilo que não tem importância nem valor para os demais habitantes da cidade.

Os catadores são personagens que passam grande parte do seu tempo empurrando carrinhos abarrotados de sucata pela malha urbana de Vitória. Em suas andari-lhagens, ocupam pontos de parada efêmeros, provisórios, abandonados por vontade própria ou contingência, na implacável errância da existência nas ruas. Assim, sem lugar fixo ou território estabilizado, resta a eles fazer da cidade a sua casa⁴.

Que experiências modulam a vida na abundância de sentidos da cidade-casa dos catadores? Mais especificamente, o que essas existências errantes têm a nos dizer sobre a produção de outras temporalidades, de outras velocidades, de outras formas de lidar com a vida e com o mundo? Nesse sentido, a problematização que orienta este artigo fala das tentativas de pensar a questão do tempo nas cidades contemporâneas a partir da experiência dos catadores de recicláveis de Vitória.

Não nos propomos a dizer dos “por quês?”, nem tampouco a desvendar causalidades ocultas ou criar previsões cabalísticas sobre o futuro das cidades. O interesse é desconstruir conteúdos já postos sobre o urbano-humano, humano-urbano, e criar sentidos outros, com capacidade para deslocar o olhar familiarizado e produzir rupturas nas certezas cristalizadas. Afinal, o que podem nos dizer acerca do tempo nas cidades os catadores de recicláveis de Vitória?

Este artigo trará apenas algumas reflexões oriundas de andanças pela cidade de Vitória em companhia de um “bando” de catadores de recicláveis. Mais do que uma estratégia metodológica, a pesquisa que originou este artigo forjou-se de uma aposta em seguir os passos de Walter Benjamin e Charles Baudelaire, pesquisadores-trapeiros que em suas *flaneries* se deti-

nam a todo o instante em apanhar palavras, cenas e imagens que evocam a experiência subjetiva de fruição da cidade. Foi assim que buscamos exercitar um modo de pesquisar *com* os catadores-companheiros de andanças que se alimenta de minúsculas faíscas do cotidiano, da irrupção de lacunas, dos silêncios, dos pequenos cacos que podem dizer de uma vida. Desse modo, o Diário de Campo (DC) é mais do que um instrumento de pesquisa, é um instrumento de narrativas, de experiências, de vida, é também um companheiro de andanças.

Nas andanças movidas pelos afetos, encontramos o “bando” com o qual fizemos um bom encontro. Eram sete personagens da cidade que compartilharam conosco pequenos fragmentos de vida ao caminharmos com eles pelas ruas de Vitória. Ouvimos suas histórias e muitas coisas foram disparadas, especialmente, uma certeza nas infinitas possibilidades de invenção do presente.

A Experiência do Tempo na Cidade dos Catadores

No *post-scriptum* de *Conversações*, originalmente publicado em 1992, Deleuze (2007) avalia que a passagem da modernidade para a contemporaneidade levou a mudanças nos jogos de poder, que marcam

a transição entre a “sociedade disciplinar” e a “sociedade de controle”⁵.

Se, na sociedade disciplinar, os corpos eram “moldados”, sobretudo no espaço e através do espaço, na sociedade de controle, os corpos passam a ser cada vez mais “modulados” no tempo e através do tempo. Trata-se de uma modulação contínua e ondulatória que opera a céu aberto, que se expande em escala mundial através dos extensos fluxos de comunicação e controle do capitalismo.

Se, na modernidade, o tempo já havia sido domesticado e submetido à matemática através de calendários, relógios, agendas e outros instrumentos métricos, na atualidade, o tempo será tão mais acelerado quanto mais comprimido e contraído. É um tempo marcado pela velocidade, pela pressa, que inibe a experiência do tempo descontínuo e não cronológico como duração subjetiva e interior.

Os versos de *Sinal Fechado*, diálogo em ritmo de melodia criado por Paulinho da Viola, revela essa dimensão do tempo rápido e do ritmo veloz da cidade: “A semana, o sinal, eu procuro você, vai abrir”. É um tempo em que o sinal, na infinita sucessão de verde-amarelo-vermelho, define o tempo como o tempo das conversas instantâneas e dos relacionamentos efêmeros.

O tempo e a velocidade são as me-

didadas das coisas na sociedade do capital. A pressa e o corre-corre permeiam a vida urbana, cadenciando seu ritmo. A relação com o tempo é articulada pela máquina, que impõe o tempo cronológico, um tempo objetivado que organiza os diferentes momentos da vida. As relações entre as pessoas se coisificam mediadas pela mercadoria e pelo dinheiro: “Me perdoe, a pressa é a alma de nossos negócios. – Ah! Não tem de quê, eu também só ando assim”, continua cantando Paulinho da Viola, denunciando com suas palavras o tempo tornado mercadoria na sociedade do capital⁶.

“A cidade é o lugar em que o mundo se move mais, e os homens também”, provoca Milton Santos (2007, p. 83), ao falar da complexidade da cidade nas sociedades contemporâneas, impactadas pela circulação veloz dos corpos, mercadorias e imagens. Com efeito, a aceleração da velocidade é um fenômeno urbano, mas isso não se deu sem estranhamento; foi necessário que o olhar citadino do final do século XIX e início do século XX internalizasse uma nova versão da cidade, com suas ruas tomadas por corpos e objetos que se moviam rapidamente. Os movimentos artísticos desse período, sensíveis aos movimentos da luz e da velocidade, capturaram em suas linhas, formas, cores e texturas, o momento em que a modernidade foi diluindo, “esfumando” a objetivi-

dade do olhar diante do fluxo intenso que se inaugurava, como mostra a cena urbana criada por Munch (1981) em *Rue de Rivoli*⁷.

Passado mais de um século, os habitantes das grandes metrópoles naturalizaram a convivência com as velocidades de locomoção antes impensáveis. A aceleração do tempo e a regulação onipresente dos fluxos tornaram-se elementos vitais no modo de vida urbano. No ritmo veloz da cidade, a vida das pessoas modificou-se com a mesma rapidez com que mudou a superfície urbana. A velocidade do automóvel, a repetição infinita das imagens televisivas, as conexões rápidas pelo *iPhone*, *iPad*, *iPod*, *Tablets* e outras conexões rápidas marcam o ritmo da velocidade infinita e modelam modos de vida que lançam os viventes em temporalidades ainda não de todo experimentadas.

O lugar da festa, do encontro, da conversa “jogada fora” quase desapareceu do espaço aberto, interiorizando-se nas formas construídas. Nas ruas, dão-se os encontros rápidos, fugazes: “Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas. – Eu também tenho algo a dizer, mas me foge a lembrança” (Paulinho da Viola). Instantes roubados e logo esquecidos no andar apressado para se chegar a algum lugar ou a lugar nenhum. Ultrapassar os limites, bater *records* tornou-se

obrigação em muitas atividades em que vencer metas, superar-se na vida e no trabalho passou a ser a regra para o sucesso pessoal.

As informações acessíveis na tela brilhante do computador ou nas imagens da televisão aumentam vertiginosamente, a cada dia, mantendo os homens permanentemente excitados, consumidores vorazes de informações, abarrotados de opiniões, mas insatisfeitos, sem tempo para se arriscar, para se expor aos acontecimentos, temerosos diante das paixões e das dores que povoam o seu viver (Larrosa, 2002).

Os catadores de recicláveis de Vitória habitam esse mundo abarrotado de informações, mas o habitam de modo singular. Muitos, analfabetos, moradores nas ruas, com possibilidades limitadas de acesso a TV, rádio, jornais, internet e outras formas de informação e comunicação, se distanciam da lógica da aceleração enlouquecedora. Suas conexões com o mundo ancoram-se na oralidade das relações face a face e dependem dos laços de convivialidade efetivados nas redes de aliança e camaradagem estabelecidas entre si e, ocasionalmente, em providenciais aliados na superfície urbana.

Trata-se de um modo de vida asentado sobre os acontecimentos do presente, na dedicação aos encontros sob a sombra fresca das árvores, na observação

dos ritmos da cidade. Vidas que se deixam marcar e efetivam aprendizados com os episódios corriqueiros que acontecem em suas andanças pelas ruas e avenidas, territórios móveis que atravessam lentamente empurrando carrinhos abarrotados de sucata e de lixo. Vidas, enfim, equilibristas que aprendem com a experiência o sentido ou o não sentido do que lhes acontece.

Para Benjamin (1996), as possibilidades da experiência se empobrecem em um mundo apressado e apinhado de informações. No pensamento original desse filósofo alemão, a experiência implica a interrupção dos automatismos habituais, a abertura para as sensações, o cultivo da sutileza dos sentidos, a lentidão dos detalhes capturados pelo olhar que passeia distraído, sem pressa. A experiência está ainda no convívio com o silêncio e na suspensão das opiniões e dos julgamentos.

No ensaio *O narrador*, o olhar vigilante de Benjamin (1996) captura a ascensão da “experiência vivida” (*Erlebnis*) na modernidade e o esfacelamento da “experiência coletiva” (*Erfahrung*). *Erlebnis* diz respeito ao individualismo expresso na figura do “herói solitário”, personagem central dos romances modernos, que enfrenta sozinho os percalços da vida. Já *Erfahrung* se situa entre o que é coletivo e o que é singular, entre o conhecimento fundado na

tradição e o que irrompe no campo social, deslocando o que está instituído.

Em Benjamin (1996, p. 8), as primeiras reflexões sobre a mudança do tempo, sob o capitalismo, anunciam a emergência da vivência do tempo “homogêneo e vazio”, o tempo “cronológico e linear”, que tudo corrói e torna obsoleto. Um tempo vivido na compulsão e urgência, que escapa justamente pelo excesso de apego ao tempo. Para esse autor, melhor seria instituir um “tempo de agora” (*Jetztzeit*), diferenciado pela “intensidade e brevidade”. Um tempo presente, intenso, como nos versos do poeta Carlos Drummond de Andrade (1987, p. 79) em *Mãos dadas*: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”.

Por contingência, mas, sobretudo, por vontade própria, os catadores se afastam desse tempo acelerado que caracteriza a contemporaneidade. O tempo, para eles, flui sem pressa, desobediente à lógica abstrata do relógio, com seu tempo homogêneo, padronizado. Eles vivem um tempo orientado por eventos que se repetem com certa regularidade no fluxo ininterrupto do devir e que atuam como medidas do tempo porque são reconhecidos e compartilhados pelo grupo. São eventos que formam “sequências recorrentes”, espécie de “símbolo social móvel”⁸ (Elias, 1998, p. 8) que expõe o laço primordial entre o tempo e o

sentido da experiência no modo de vida dos catadores.

Sem relógios, calendários ou agendas, eles criam extensa trama de “sequências recorrentes” de eventos, produzida a partir dos saberes que compartilham no seu modo de vida. São blocos de espaço-tempo que guiam as atividades a serem feitas: quando o sol está alto no céu, é hora do descanso ou do revezamento para buscar comida nos latões dos fundos dos restaurantes; quando a cidade se agita nos ritmos do *rush*, é tempo de preparar os carrinhos para a coleta noturna; quando chega a madrugada, o caminhão de lixo passa, é tempo de seguir para a segurança do grupo, pois é a hora do medo, e qualquer descuido pode levar a amanhecer com “o corpo espichado no chão” (Alemão, DC, março de 2010⁹); quando os ritmos da cidade serenam, é feriado ou final de semana, o tempo é de repouso, já que os ferros-velhos estão fechados e não há como vender o produto da coleta; quando as barracas se armam na feira da Gurigica, é domingo, é tempo de namoro e de aproveitar as sobras da feira para recolher frutas e legumes para o delicioso “cozidão”, preparado por Ernesto (DC, dezembro de 2009) à sombra da castanheira-casa.

Eventos repetitivos observados na natureza também se inserem nessa tessitura sinalizadora do tempo criada pelos catado-

res. São amarrações de tempo-acontecimento vinculadas à luta pela sobrevivência, como é o caso da coleta de mariscos nos dias de lua cheia, que associam aos movimentos da maré vazante e que informam o tempo certo para a coleta de mariscos na beira dos canais. Prever a chegada da chuva e a intensidade de sua precipitação também é fundamental para os catadores, já que vivem nos espaços abertos da cidade. Como disse Ernesto uma tarde, preocupado, com os olhos fixos no alto do Morro do Cruzamento: “[...] o Cruzamento tá preto, a chuva tá chegando... tá na hora de arrumá as coisa e ir pra maloca do Zá Neto” (Ernesto, DC, novembro de 2009).

Assim, é montada uma trama extensa de sinais que incluem cheiros, cores, movimentos dos ventos, vazantes das marés, a observação de nuvens, mudanças de ritmos da cidade e outros elementos que orientam os fazeres cotidianos. Essas complexas composições que conectam duas ou mais sequências de eventos – caminhão do lixo/perigo/hora de buscar abrigo, por exemplo – funcionam como símbolos reguladores e cognitivos que orientam os modos de vida dos catadores. São símbolos que têm lógica própria e são resultado de um saber produzido coletivamente com a experiência nos trajetos pela superfície da cidade. É um saber que pode ser transmiti-

do, compartilhado e ampliado no interior da intensa/extensa rede de relações tecida na convivialidade do grupo.

Mas o passar dos meses e dos anos não é medido com a mesma habilidade pelos catadores. Frases como “faz um tempo”, “já tem muito tempo”, “faz pouco tempo”, “foi há muito tempo atrás” são comuns em suas narrativas, que raramente trazem marcações métricas¹⁰. Mas eles tampouco dão mostras de que essa questão é uma necessidade em seu modo de vida, o que os aproxima de *Tuiávii*, o chefe de *Ti-avéa*, que não sabe quantos anos tem e acha melhor não saber, pois:

Ter tantos anos significa ter vivido um número preciso de Luas. É perigosa essa maneira de indagar e contar o número das Luas porque assim se chega a saber quantas Luas dura a vida da maior parte dos homens. Todos prestam muita atenção nisso e, passando um número muito grande de Luas, dizem: ‘Agora, não vou demorar a morrer’. E então essas pessoas perdem a alegria e morrem mesmo dentro de pouco tempo. (Scheurmann, 2010, p. 51)

Como nos relatos desse personagem dos Mares do Sul, chama atenção a experiência de um tempo presente, de um modo de vida ligado ao momento, ao instante do agora, de um passado fixo que às vezes não passa e de um futuro que lhes escapa na ausência de apostas em outras

formas de vida. É uma experiência subjetiva, que faz perceber a passagem do tempo mais rápida ou mais lenta de acordo com a intensidade do acontecimento, como mostrou Ernesto ao falar de Zó Neto¹¹, o companheiro morto: “Eu vou com o carrinho pra pista e parece que ele [Zó Neto] tá do meu lado empurrando o carrinho. Tem dia que até converso com ele. Fico ali com o pensamento... parece que foi ontem.” (Ernesto, DC, março de 2010).

Considerações Finais

Time is Money! A voz de Benjamin Franklin parece ainda ecoar nas cidades do capital! A frase basilar deste que é um dos mestres do capitalismo carrega em si toda a ironia trágica do ideal capitalista, de tudo transformar em mercadoria, inclusive o tempo. Um tempo que pode ser vendido, economizado, guardado, comprimido e até mesmo furtado¹². Um tempo-mercadoria que só não pode ser perdido.

É a experiência de um tempo acelerado que se impõe sobre os mais diversos aspectos do cotidiano, na produção, no lazer, na cognição, na vida doméstica. Sob a lógica implacável da aceleração e da instantaneidade produzem-se tecnologias de controle cada vez mais sutis, que incidem sobre todas as instâncias da vida, com a produção de modulações biopolíticas sobre

o corpo, o espaço, o tempo, a cidade. Tudo precisa passar rápido, por que a vida parece não poder ser vivida de outro modo.

Entretanto, nossas andarilhagens pelo campo da pesquisa mostram imagens que evocam a capacidade da cidade de provocar contraposições à lógica hegemônica. Nelas, toda sorte de desviantes afirmam cenas mais afeitas à vida e seus “agoras” que ao calendário e seus tempos métricos: é o riso do flanelinha no banco da praça, o “amasso” dos namorados no canto do muro, a cantoria dos catadores embaixo da castanheira-casa, o sono do boêmio na calçada, a roda de orações no centro da praça, os malabaristas nos sinais, o casal fumando craque embaixo da marquise, os batedores de carteira praticando seu ofício, a prostituta parada na esquina, a pechincha arrastada na banca do camelô, o riso bêbado na mesa da calçada, o caminhar pausado dos aposentados, o olhar demorado do menino na vitrine da loja de brinquedos, a mão estendida do mendigo na porta do banco, o grito rouco cortando o silêncio da madrugada.

São cenas que afirmam que o tempo, assim como a cidade é um campo de forças passível de múltiplas experimentações. Ou como nos diz Maurois (1995): “uma hora não é apenas uma hora; é um vaso cheio de perfumes, de sons, de projetos e de climas”.

Notas

¹ Título inspirado por André Maurois (1995).

² Para Sant'Anna (2001), um novo tipo de biopolítica se configura no contemporâneo, evidenciando a passagem de uma biopolítica-jurídica para uma tecnologia tecnocientífica-empresarial ou liberal.

³ É difícil saber exatamente qual o número de catadores de recicláveis que existe no Brasil, já que as pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) têm por base a coleta de dados em domicílios, e muitos desses trabalhadores moram nas ruas. Entretanto, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) estima que existam cerca de 230 mil catadores em atividade no País, conforme informações disponíveis no site do movimento (<http://www.mncr.org.br>). Em Vitória, ES, trabalham cerca de 370 catadores, segundo informações da Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS).

⁴ Para Michelle Perrot (1991), o imaginário foi fundamental na constituição do espaço moderno por conduzir à compulsoriedade da fixação. Para essa autora, a casa é um importante elemento de fixação, como ana-

lisa em *Maneiras de morar*, v. 4 de *História da vida privada*.

⁵ A sociedade disciplinar, que teve seu apogeu na modernidade, foi descrita por Foucault (2002) como uma sociedade marcada por mecanismos minuciosos de poder que incidiam sobre os corpos, sobretudo através das estratégias de disciplina e confinamento. Não que os mecanismos da sociedade disciplinar tenham desaparecido, mas no contemporâneo o poder se expande e exterioriza adquirindo fluidez, o que lhe permite atuar em todas as esferas da vida. A esse poder móvel e maleável, que atua sobre toda a sociedade, sem que seja necessária a existência de barreiras que separem o interior do exterior, Deleuze (2007) chamou de “sociedade de controle”. Podemos considerar, a partir desse autor, que a sociedade de controle não aboliu os mecanismos de poder disciplinar, mas os libertou do confinamento e amplificou os seus efeitos.

⁶ No final do século XIX, Frederick Taylor (1990) aplicou seus estudos sobre o binômio tempo-movimento nos princípios da Administração Científica, vinculando o tempo ao lucro na produção fabril. Desde então, seus princípios ultrapassaram os muros das fábricas e adentraram o espaço da sociedade até os mais recônditos qui-

nhões. O mundo após Taylor e seu cronômetro nunca mais foi o mesmo!

⁷ Contribuição de Eliana Kuster e Robert Moses no minicurso Cidade e Cinema, realizado no Congresso Internacional UFES - Université de Paris-Est. Vitória, 16-19/11/2009.

⁸ No esclarecedor livro *Sobre o tempo*, Norbert Elias (1998, p. 8) afirma que os eventos repetitivos que marcam o tempo social são utilizados, desde tempos imemoriais, para “[...] harmonizar as atividades dos homens e para adaptá-las a processos que lhes eram externos, da mesma maneira que foram adaptadas, em estágios posteriores, aos símbolos que se repetem no mostrador de nossos relógios”.

⁹ As citações indicadas com a sigla DC são anotações no Diário de Campo realizadas durante o processo investigativo. Todos os nomes registrados são fictícios, para preservar a privacidade dos informantes da pesquisa.

¹⁰ Norbert Elias (1998, p. 10) diz que “[...] a consciência humana é mais atingida pela repetição inelutável das mesmas seqüências, como o ciclo das marés, do que pela sucessão de anos que não voltarão jamais.” Inclusive, lembra que foram as sucessivas tentativas de superar os limites da compreensão humana, aliadas à necessidade de

regulamentação e controle da vida social, que levaram à invenção do calendário, com seus blocos padronizados de tempo nas sociedades complexas. Mas esse autor alerta que as sociedades só criaram escalas métricas de medida do tempo quando se colocaram problemas que exigiram a subordinação do tempo às suas necessidades sociais: tempo dedicado ao trabalho, duração dos contratos e outros aspectos da vida social.

¹¹ Zá Neto morreu em novembro de 2009. Foi um dos catadores participantes da pesquisa.

¹² Marx (1980) fala que os “pequenos furtos” do tempo de descanso dos trabalhadores, somados, se revelam muito lucrativos para os capitalistas.

Referências

- Andrade, Carlos Drummond (1987). *Nova reunião: 19 livros de poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio editora.
- Baudelaire, Charles (1985). *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benjamin, Walter (1996). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução

- de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- Deleuze, Gilles (2007). *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart [Originalmente publicado em 1992]. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Elias, Norbert (1998). *Sobre o tempo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Foucault, Michel (2002). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 25. ed. Petrópolis: Vozes.
- Larrosa, Jorge Bondia (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, (19), p. 20-28, jan./fev./mar./abr.
- Marx, Karl (1980). *O capital*: livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Maurois, André (1995). *Em busca de Marcel Proust*. São Paulo: Siciliano.
- Neves, C. A. B (2004). Pensando o Contemporâneo no fio da navalha: entrelaces entre desejo e capital. *Lugar comum*, Rede Universidade Nômade, 19(20), p.135-157.
- Nietzsche, Friedrich (1988). *Assim falou Zaratustra: o canto da dança I*. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Círculo do Livro
- Primeira Guerra (pp. 307-323). São Paulo: Companhia das Letras.
- Sant'Anna, Denise (2001). *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Santos, Milton (2007). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Scheurmann, Erich (2003). *O papalagui*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Taylor, Frederick Wislow (1990). *Princípios de administração científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas.
-
- Rosângela D'Ávila:** Mestre em Psicologia Institucional pela UFES. Doutoranda em Psicologia pela UFF.
E-mail: rosangela.davila@terra.com.br
- Elizabeth Maria Andrade Aragão:** Doutora em Psicologia pela UFES. Professora do Departamento de Psicologia da UFES.
E-mail: baragao@terra.com.br
- Gilead Marchezi Tavares:** Universidade Federal do Espírito Santo.
E-mail: gilead.dindin@ig.com.br
-

Recebido em: 28/04/2014 – Aceito em: 19/05/2014
